



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE LETRAS E ARTES – FALA
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS – DLV
CURSO LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

KÉZYA KEROLAINE DE SOUZA PEREIRA

***CAPITÃES DA AREIA*, DE JORGE AMADO: UM ROMANCE DE FORMAÇÃO
PROLETÁRIA**

MOSSORÓ

2021

KÉZYA KEROLAINE DE SOUZA PEREIRA

CAPITÃES DA AREIA, DE JORGE AMADO: UM ROMANCE DE FORMAÇÃO
PROLETÁRIA

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Vernáculas - DLV, da Faculdade de Letras e Artes - FALA, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Letras - Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Vinicius Medeiros da Silva.

MOSSORÓ

2021

**Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

P436c Pereira, Kézya Kerolaine de Souza
Capitães da areia, de Jorge Amado: um romance
de formação proletária. / Kézya Kerolaine de Souza
Pereira. - Mossoró, 2021.
34p.

Orientador(a): Prof. Dr. Marcos Vinicius Medeiros
da Silva.

Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em
Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Capitães da areia. 2. Jorge Amado. 3. Romance
proletário. 4. Heróis. 5. Método hermenêutico. I. Silva,
Marcos Vinicius Medeiros da. II. Universidade do
Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

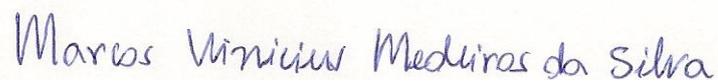
KÉZYA KEROLAINE DE SOUZA PEREIRA

CAPITÃES DA AREIA, DE JORGE AMADO: UM ROMANCE DE FORMAÇÃO
PROLETÁRIA

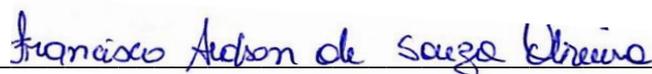
Monografia apresentada ao Departamento de Letras Vernáculas - DLV, da Faculdade de Letras e Artes - FALA, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Letras - Língua Portuguesa.

Aprovada em 27/05/2021.

Banca Examinadora



Prof. Dr.: Marcos Vinicius Medeiros da Silva - UERN
Orientador



Prof. Dr. Francisco Aedson de Souza Oliveira - UERN
Examinador



Prof. Me. Aluísio Barros de Oliveira - UERN
Examinador

Aos meus pais, ao meu esposo e a todas
as pessoas que fazem parte da minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me conceder a oportunidade de vivenciar este momento único em minha vida.

Ao meu pai, José Genivan, e à minha mãe, Maria Luciene, responsáveis diretos desta conquista, que me educaram e sempre estão dispostos a me ajudar em tudo que for preciso, sempre me influenciando a estudar e a conquistar todos os meus sonhos.

Ao meu esposo, Fabiano Fontes, que me deu todo apoio e força necessários para não desistir nos momentos difíceis que foram enfrentados e comemorou comigo nos momentos bons. Este sempre esteve ao meu lado desde o início desta jornada.

À UERN (Universidade Estadual do Rio Grande do Norte) e à FALA (Faculdade de Letras e Artes), que me receberam de braços abertos e me acolheram durante toda essa jornada.

Ao professor mestre Aluísio Barros de Oliveira, que iniciou comigo este trabalho e me deu todas as orientações iniciais de escrita, principalmente para o projeto de pesquisa.

Ao meu orientador Professor Doutor Marcus Vinicius Medeiros da Silva, que me acompanhou durante toda a elaboração do trabalho, sempre disposto a ajudar, dando todo o auxílio e orientação no que fosse preciso.

À coorientadora professora mestra Ana Maria Remígio Osterne, pelas lições de perseverança na execução desta monografia. Suas orientações também foram essenciais para a elaboração deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Agradeço aos colegas de turma, Amaya, Suzana, Luana, Eduardo, Sandro, Sabrina, Gilvanice e Mateus. Estas pessoas foram essenciais para mim durante toda a graduação. Um ajudando ao outro, cada um contribuiu de forma significativa para que hoje eu pudesse receber o diploma. Pessoal, obrigada por todos os momentos vividos nesta instituição, sem vocês eu não conseguiria chegar até aqui.

A todos os meus familiares e a todas as pessoas que contribuíram de maneira direta ou indireta para a realização deste sonho.

Por fim, agradeço a mim mesma, por ter persistido em realizar esse sonho e não ter desistido apesar de todas as dificuldades que surgiram durante esta caminhada rumo ao título de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa.

“A perseverança e a força de vontade têm efeitos mágicos na superação das dificuldades da vida. Quem supera, vence.”

Lourdes Duarte

RESUMO

Em *Capitães da areia* (2009), Jorge Amado escreve um romance proletário comprometido com a transformação da sociedade e com a exaltação à classe operária. Nessa obra, enfatiza-se a ideia de mostrar as mazelas da sociedade daquela época, que fechava os olhos para os pobres e, conseqüentemente, também para os meninos abandonados – protagonistas do enredo – os quais sobrevivem basicamente através de furtos. O presente trabalho, pois, dedica-se a analisar como essas crianças abandonadas em um trapiche da cidade de Salvador se tornam heróis a partir do romance de formação proletária. Objetiva-se, doravante, a análise do romance de 30, do qual surge a obra proletária de Jorge Amado, descrever o romance proletário do escritor baiano e, assim, revelar como ocorreu a construção dessa narrativa de formação proletária, bem como compreender o processo de formação dos heróis infantes mesmo em meio à marginalização. Para realizar tais análises e interpretações, utilizamos autores como Alfredo Bosi (1994), Luís Bueno (2006), Antonio Candido (2011) e, principalmente, Eduardo de Assis Duarte (1996). O método de pesquisa a ser utilizado neste trabalho é o hermenêutico, com o intuito de ler, interpretar e analisar essa narrativa e toda a temática social que ela abrange. O processo de investigação é guiado a partir da linha de pesquisa em literatura e sociedade, sempre salientando como a comunidade pobre daquela época, lutando a cada dia por uma vida melhor, é retratada baseada no romance proletário. Por fim, verifica-se que, a partir das características do romance proletário e da realidade vivida pelos *Capitães da areia*, alguns dos personagens lutaram para se tornarem heróis.

Palavras-chave: *Capitães da areia*. Jorge Amado. Romance proletário. Heróis. Método Hermenêutico.

ABSTRACT

In *Captains of the sand* (2009), Jorge Amado writes a proletarian novel committed to the transformation of society and to the exaltation of the working class. This work emphasizes the idea of showing the ills of society at that time, which closed its eyes to the poor and, consequently, also to abandoned children - protagonists of the plot - who basically survive through thefts. The present work, therefore, is dedicated to analyzing how these children abandoned in a warehouse in the city of Salvador become heroes from the novel of proletarian formation. The objective is, henceforth, to analyze the novel of 30, from which the proletarian narrative of Jorge Amado arises, to describe the proletarian novel of the Bahian writer and, thus, to reveal how the construction of this narrative of proletarian formation occurred, as well as to understand the process of formation of infant heroes even in the midst of marginalization. To carry out such analyzes and interpretations, we used authors such as Alfredo Bosi (1994), Luís Bueno (2006), Antonio Candido (2011) and, mainly, Eduardo de Assis Duarte (1996). The research method to be used in this work will be hermeneutic, in order to read, interpret and analyze this narrative and the entire social theme that it covers. The investigation process will be guided by the line of research in literature and society, always emphasizing how the poor community of that time, fighting every day for a better life, is portrayed based on the proletarian novel. Finally, it appears that, based on the characteristics of the proletarian romance and the reality experienced by the Captains of the Sand, some of the characters fought to become heroes.

Keywords: Captains of the sand. Jorge Amado. Proletarian novel. Heroes. Hermeneutic method.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 O ROMANCE DE 30: SUA ORIGEM NO ROMANTISMO, SUAS CARACTERÍSTICAS, SEUS AUTORES.....	13
2.1 Jorge Amado e o nascimento do romance proletário.....	19
3 <i>CAPITÃES DA AREIA</i>, OS MALANDROS VIRAM HERÓIS.....	24
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS.....	33

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho, intitulado *Capitães da areia, de Jorge Amado: um romance de formação proletária*, foi produzido durante os meses de abril de 2020 e maio de 2021. Iniciou-se com a orientação do professor mestre Aluísio Barros de Oliveira, porém, foi necessário – pela aposentadoria do mesmo - a mudança de orientador, passando a ser conduzida pelo professor doutor Marcos Vinicius Medeiros da Silva. Esta monografia é apresentada à UERN – Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Letras - Língua Portuguesa.

O objeto de estudo escolhido se trata do romance de Jorge Amado intitulado *Capitães da Areia* (1937). A obra foi lida a partir da orientação de leitura feita pelo professor Aluísio Barros, na disciplina de Literatura Brasileira III, e, ao realizar a leitura desta, surgiu o interesse em analisar mais a fundo alguns dos seus aspectos, que foram definidos posteriormente. De início, o tema voltava-se principalmente para a formação política dos meninos apresentados na obra. Contudo, a partir de algumas leituras e interlocuções com o atual professor orientador, decidiu-se delimitar o tema acerca do romance proletário, retratado a partir dos meninos abandonados – protagonistas da supracitada obra - em um trapiche na cidade de Salvador.

A partir do tema delimitado, foi levantado o questionamento-base da pesquisa, qual seja: em saber como os meninos do romance *Capitães da Areia* tornam-se heróis, partindo das perspectivas acerca do romance proletário.

Como principal motivação pessoal, destaca-se o intuito de analisar a questão do romance proletário de Jorge Amado na década de 1930, chamando a atenção, a partir disso, para um mais um viés de leitura. Já como motivação acadêmica, a escolha de estudar essa obra se fez necessária com o intuito de produzir conhecimento sobre a formação proletária abordada nesta. Portanto, enfatiza-se que o tema escolhido possui uma relevância significativa para a sociedade atual, no sentido de mostrar como se estabeleceu o romance proletário na obra, observando, diante dessa singularidade, os meninos que viviam abandonados na cidade de Salvador. De igual modo, o trabalho também será relevante no sentido de produzir conhecimento sobre o tema abordado, contribuindo para os estudos literários.

Apresenta-se como objetivo geral demonstrar como Jorge Amado, em *Capitães da Areia*, retrata o romance proletário e mostra que é possível a mudança de *status*

social e a construção de heróis mesmo em meio à marginalização. Para alcançar com êxito essa proposta, elenca-se três objetivos específicos que irão contribuir na jornada, a saber: observar o romance de 30 a partir do qual surge o romance proletário de Jorge Amado; descrever o romance proletário do escritor baiano; e analisar como ocorre o processo de formação dos heróis.

De acordo com Antonio Candido (2011, p. 187) “a partir do período romântico a narrativa desenvolveu cada vez mais o lado social.” Dentro desta perspectiva, será buscado no romance este lado social. Desta forma, para o trabalho que será elaborado se fará necessário utilizar uma metodologia sociológica e, principalmente, hermenêutica, para assim poder ler, analisar e interpretar o contexto social do romance proletário escolhido e compreender toda a temática social que ela abrange, possibilitando, assim, uma leitura analítica e bibliográfica. Também será fundamental investigar como se deu a transformação dos meninos abandonados em heróis. Para isto, será usado principalmente a teoria do herói. O processo de investigação será guiado a partir da linha de pesquisa em literatura e sociedade.

O romance *Capitães da areia* narra uma história de teor comunista, declarado e comprometido com a transformação da sociedade e fazendo uma exaltação ao operário. Esta obra faz parte da chamada segunda fase do Modernismo no Brasil, na qual as temáticas envolvendo o engajamento político e social eram abundantemente abordadas pelos autores. Desse modo, Jorge Amado tem o intuito de denunciar os pontos negativos de uma sociedade que vira as costas para os mais pobres e os abandona. Escreve, entre outros romances, *Capitães da Areia*, neste, objeto de análise desta monografia, o narrador retrata o cotidiano de meninos de rua, abandonados, que sobrevivem basicamente através de furtos. Com o desenrolar dos acontecimentos, a história nos mostra, ao final, o destino de cada um dos principais integrantes e a formação destes como heróis.

Vários autores foram consultados e referenciados no trabalho com o intuito de fundamentar as ideias abordadas. Entre essa fortuna crítica, está Alfredo Bosi (1994, p. 433), com *História concisa da literatura brasileira*, por mostrar um pouco do escritor Jorge Amado, caracterizando-o como “romancista voltado para os marginais, os pescadores e os marinheiros de sua terra que lhe interessam enquanto exemplos de atitudes ‘vitais’”. O trabalho de Márcia Cossetin e Ivete Janice de Oliveira Brotto (2015), com o texto *Um cotejamento da obra literária Capitães da Areia: uma história sobre pobreza, miséria e meninos de rua*, demonstra uma articulação entre o romance

Capitães da Areia e o contexto social de sua produção. Antonio Candido (2011, p. 185), por meio da produção intitulada *O direito à literatura*, aborda o romance social, onde segundo ele, "ali pelos anos de 1820-1830 nós vemos o aparecimento de um romance social, por vezes de corte humanitário e mesmo certos toques messiânicos, focalizando o pobre como tema literário importante." Já o trabalho de Eduardo de Assis Duarte (1996), denominado *Romance em tempo de utopia*, trata de uma produção engajada do escritor desse período, voltada basicamente para o diálogo com a história e com os dilemas sociais e políticos daquele tempo. A produção de Luís Bueno (2006, p. 23), por meio da obra *Uma história do romance de 30*, nos traz uma visão especial acerca do romance proletário, principalmente de Jorge Amado, onde segundo o pesquisador, o pobre passou a ser chamado de proletário, visto como privilegiado nos romances do anos 30, assim como também passou-se a utilizar uma língua mais próxima da fala. Benedito Veiga (2004), com a publicação de *Capitães da Areia: A recepção crítica*, discorre sobre Jorge Amado e seu caminho de denúncias. O trabalho idealizado por Monike Rabelo da Silva Lira et al, com obra *Metodologia da pesquisa em estudos literários* (2018), analisa a desconstrução do herói clássico e sua ligação com a sociedade que representa. Por fim, principalmente, o romance *Capitães da Areia* (1937), de Jorge Amado, que será nosso objeto de estudo, por abordar a vida de meninos de rua que conseguiram mudar os seus *status* sociais.

O trabalho será elaborado e dividido da seguinte forma: no primeiro capítulo temos a introdução. No segundo capítulo, abordaremos o romance de 30, a sua origem no Romantismo, características e autores dessa fase. Em sequência, discorreremos especificamente sobre a obra de Jorge Amado, mostrando o posicionamento do escritor baiano frente ao nascimento do romance proletário. Após, segue-se o capítulo de análise, na qual será analisado o percurso dos personagens principais e como eles se tornaram heróis, mesmo não tendo a mesma trajetória dos heróis ditos "clássicos". Apresenta-se, então, as considerações finais, com as conclusões e os dados mais relevantes do trabalho.

2 O ROMANCE DE 30: SUA ORIGEM NO ROMANTISMO, SUAS CARACTERÍSTICAS, SEUS AUTORES

O Romance de 30 compreendeu a segunda fase do Modernismo brasileiro, sendo resultado dos desdobramentos oriundos da Semana de Arte Moderna de 1922, acontecendo entre os anos de 1930 e 1945. Vendo a situação precária que o país se encontrava devido à crise econômica, política e social, somada à chegada de Getúlio Vargas ao poder, os escritores desta geração passaram a se preocupar em denunciar as desigualdades e injustiças sociais que aconteciam no Brasil, principalmente na região do Nordeste. As obras produzidas nesse contexto foram influenciadas pelo movimento Neorrealista e, por este motivo, passam a ser chamadas de romances regionalistas ou neorrealistas, fazendo uso de uma linguagem coloquial, popular e local.

Para conhecer um pouco sobre o romance de 30, deve-se, de antemão, entender melhor sobre como se deu o seu surgimento no Brasil. Acerca disto, Luís Bueno (2006, p. 44) afirma que o romance de 30 surgiu a partir de um embate com os ideais modernistas de 22, o que se constata em sua análise:

Por outro lado, pouco se tem falado do forte embate que houve entre a geração surgida na década de 30 e os modernistas, e a tendência dominante é ver o romance de 30 como um desdobramento do modernismo de 22, um segunda fase da literatura surgida na Semana de Arte Moderna.

De acordo com o posicionamento representado na fala de Bueno, entende-se, então, que a literatura formada na década de 30 seria caracterizada de agora em diante como uma ampliação da escrita literária do Modernismo de 22. Crescia, pois, na sociedade uma literatura que tinha como princípio dar ênfase ao projeto ideológico. Enfatiza-se que, para os intelectuais da década de 30, uma forte pressão fazia-se presente entre o Modernismo e o pós-Modernismo. Para Alfredo Bosi (1994), é preciso entender que reconhecer o sistema de escrita da década de 30 não significava cortar todos os laços que haviam sido formados e aprimorados na literatura modernista de 22, mas sim abrir os horizontes para novas formas de escrita e temas a serem abordados na escrita literária de 30.

Caracterizando o panorama literário que se estabeleceu entre os anos de 1930 e 1945/50, sobre as temáticas abordadas na literatura durante esses anos, Bosi (1994, p. 386, grifo do autor), diz que

Entre 1930 e 1945/50, *grosso modo*, o panorama literário apresentava, em primeiro plano, a *ficção regionalista*, o *ensaísmo social* e o *aprofundamento da lírica moderna* no seu ritmo oscilante entre o fechamento e a abertura do *eu* à sociedade e à natureza.

Os escritores dos anos 30, percebendo a realidade enfrentada pelo pobre naquela época, passam a se interessar em narrar suas vidas e denunciar a realidade vivida por eles, bem diferente da vivência das classes abastadas. Desse modo, trazia-se temas regionais na escrita literária desse período, buscando sempre enfatizar o social. Com o aparecimento do romance com aspectos sociais, um dos fatos mais visíveis é o de que as obras escritas nesse período passam a focalizar e incluir a figura do sujeito pobre como protagonista. Nesse viés, o proletariado passa a alcançar certa visibilidade perante os escritores da década de 30.

Outro fato relevante leva em consideração o intuito de mudar, de certa forma, o modo de escrita da época em questão. Os escritores desse período tendem a priorizar um modo de escrita mais próximo da fala, utilizando novas formas de escrita com um vocabulário regional e coloquial com palavras que até então eram tidas como erradas ou que não se encaixavam nos padrões da sociedade brasileira. Esses fatos confirmam-se, a seguir, nas palavras de Bueno (2006, p. 23):

como se vê na moda regionalista do início do século, o pobre, chamado agora de proletário, transforma-se em protagonista privilegiado nos romances de 30, cujos narradores procuram atravessar o abismo que separa o intelectual das camadas mais baixas da população, escrevendo uma língua mais próxima da fala.

A chegada desse novo modo de escrever veio com o intuito de dar ao povo, principalmente à população mais pobre, uma literatura que representasse a realidade vivida por cada um, que eles gostassem e pudessem se debruçar nelas, assim como afirma Candido (2011, p. 191, grifo do autor):

A partir de 1934 e do famoso Congresso de Escritores de Karkov, generalizou-se a questão da *literatura proletária*, que vinha sendo debatida desde a vitória da Revolução Russa, havendo uma espécie de convocação universal em prol da produção socialmente empenhada. Uma das alegações era a necessidade de dar ao povo um tipo de literatura que o interessasse

realmente, porque versava os seus problemas específicos de um ângulo progressista.

Determina-se, então, como enfoque do romance do 30 a escrita de uma literatura essencialmente empenhada. Esta característica é muito importante, pois até então poucos eram cientes dessa função social e crucial que a literatura possuía. Sobre a ampliação dessa função da literatura, Bueno (2006, p. 17), afirma que

O desenvolvimento do romance brasileiro, de Macedo a Jorge Amado, mostra quanto a nossa literatura tem sido consciente da sua aplicação social e responsabilidade na construção de uma cultura. Os românticos, em especial, se achavam possuídos, quase todos, de um senso de missão, um intuito de exprimir a realidade específica da sociedade brasileira.

Portanto, a partir da década de 30 a escrita literária se caracteriza como o período do romance social, inquietando-se em mostrar os diversos aspectos da sociedade brasileira através dos escritos que representavam os acontecimentos atuais, parecendo até mesmo com estudos sociológicos ou de reportagem por trazerem e denunciarem a realidade vivenciada pelos menos favorecidos na época.

Diante dos fatos e informações apresentadas até aqui, verifica-se que surge, então, na literatura brasileira a arte da denúncia. O “romance proletário” manifesta-se com o intuito de contrariar e denunciar a literatura conservadora da época, que beneficiava somente as classes sociais altas do país. De acordo com Bosi (1994), o romance proletário traz como temática principal o Nordeste, bastante decadente naquela época, as denúncias às classes médias e mostra com clareza os conflitos entre a burguesia e o proletariado da década de 30. Conforme Candido (2011, p. 183), a literatura empenhada: “parte de posições éticas, políticas, religiosas ou simplesmente humanísticas. São casos em que o autor tem convicções e deseja exprimi-las; ou parte de certa visão da realidade e a manifesta com tonalidade crítica.” Ou seja, nessa literatura leva-se em consideração o interesse que os escritores passaram a demonstrar em trazer a realidade da sociedade proletária para seus escritos. Tais atitudes mostram que a tamanha injustiça social presente na época dos anos 30 passa a constranger os literatos, e eles passam a ter sensibilidade e, conseqüentemente, empatia para com a miséria em que parte da sociedade enfrentava.

Partindo desse contexto, depreende-se que as estéticas literárias anteriores à Geração de 30 também praticavam, em menor escala, essa atitude perante à

sociedade proletária. A exemplo disso, observamos que o período romântico, com algumas características semelhantes ao Naturalismo, retrata os problemas do Homem, dando grande intensidade ao tratamento literário do pobre, o que verifica-se nas palavras de Candido (2011, p. 187) a seguir:

A partir do período romântico a narrativa desenvolveu cada vez mais o lado social, como aconteceu no Naturalismo, que timbrou em tomar como personagens centrais o operário, o camponês, o pequeno artesão, o desvalidado, a prostituta, o discriminado em geral.

Diante das informações apresentadas, identifica-se que o romance proletário busca, em sua maioria, narrar a história dos oprimidos, bem como enfatizar a desigualdade social como núcleo da história.

Os romances escritos nos anos 30 possuíam traços semelhantes em relação a sua temática, em sua maioria trazendo o regional e o pobre como assunto central. Entretanto, ao levar em consideração o local em que os escritores moravam, vê-se a formação e divisão de vários ciclos com os quais traziam, principalmente, uma característica singular de cada região. Constata-se, na observação empreendida por Bueno (2006, p. 41, grifo do autor), os seguintes ciclos:

São muitos os ciclos de romances que se apresentaram na década de 30: o 'Ciclo da Cana-de-Açúcar', de José Lins do Rego, os 'Romances da Bahia', de Jorge Amado, os 'Romances da Amazônia' de Abguar Bastos, e a *Tragédia Burguesa*, de Octávio de Faria.

Vários são os escritores que se propuseram a adquirir e a escrever sob um estilo de escrita literária caracterizada como romance social, todos eles com o intuito de desmascarar a realidade vivida pelos pobres da década de 30, como afirma Candido (2011, p. 187-188):

Isso foi devido sobretudo ao fato do romance de tonalidade social ter passado da denúncia retórica, ou da mera descrição, a uma espécie de crítica corrosiva, que podia ser explícita, como em Jorge Amado, ou implícita, como em Graciliano Ramos, mas que em todos eles foi muito eficiente naquele período, contribuindo para incentivar os sentimentos radicais que se generalizaram no país. Foi uma verdadeira onda de desmascaramento social, que aparece não apenas nos que ainda lemos hoje, como os dois citados e mais José Lins do Rego, Rachel de Queiroz ou Érico Veríssimo, mas em autores menos lembrados, como Abguar Batos, Guilhermino Cesar, Emil Farhat, Amando Fontes, para não falar de tantos outros praticamente esquecidos, mas que contribuíram para formar o batalhão de escritores empenhados em expor e denunciar a miséria, a exploração econômica, a

marginalização, o que os torna, como os outros, figurantes de uma luta virtual pelos direitos humanos.

Tendo em vista o papel importante e essencial desses autores, logo adiante serão citados os principais nomes da escrita do romance regionalista de 30, como também algumas de suas obras mais relevantes.

O escritor José Américo de Almeida (1887-1980) produziu diversas obras de ficção, dentre elas *O Boqueirão* (1935) e *Coiteiros* (1935). A obra *A Bagaceira* (1928) introduz o romance regionalista de 30 no país por sua força de denúncia dos horrores gerados pela seca, sendo esta a de mais sucesso e mais importante para uma inovação na história literária do Brasil, utilizando uma mistura de linguagem tradicional e algumas expressões coloquiais ou regionais, chamadas de prosaicas, mais próximas da fala. Bosi (1994, p. 395) ainda afirma que:

O romance de estreia (sic) de José Américo (319), *A Bagaceira* (1928), passou a marco da literatura social nordestina. Creio que isso se deva não tanto aos seus méritos intrínsecos quanto por ter definido uma direção formal (realista) e um veio temático: a vida nos engenhos, a seca, o retirante, o jagunço.

A Bagaceira (1928) demonstra uma crítica social e apresenta o Nordeste como uma paisagem e estrutura social cheia de injustiças. Além disso, confronta a realidade vivida pelo homem do sertão e pelos senhores de engenho, a submissão com a liberdade, realidades estas bastante distintas observadas no Nordeste naquela época, representando a velha Oligarquia. Ademais, ainda retrata sobre as questões do êxodo, os horrores gerados pela seca entre os anos de 1898 e 1915.

Dentre as obras produzidas pela escritora cearense Raquel de Queiróz (1910-2003) estão aquelas que tratam da realidade da seca no sertão do Ceará, como *O Quinze* (1930), *João Miguel* (1932), *Caminho de pedras* (1937) e *As três Marias* (1939).

Acerca da obra *Caminho de pedras* (1937), sobre a utilização de personagens pobres que passam ao centro da atenção do romance, Bosi (1994, p. 396) afirma que: “É um romance populista, isto é, um romance que situa as personagens pobres 'de fora', como quem observa um espetáculo curioso que, eventualmente, pode comover.”

O Quinze (1930), romance importante dentro do crescimento do romance social nordestino, firma a escrita de um gênero novo posterior à obra de José Américo,

mostrando como tema principal a realidade dos retirantes nordestinos devido à seca no ano de 1915, que assolou todo o Nordeste do país, assim como a fome e a miséria vivida pelos mais pobres.

O romancista paraibano José Lins do Rêgo Cavalcanti (1901-1957) escreveu, dentre suas obras, *Menino de engenho* (1932), *Doidinho* (1933), *Bangüê* (1934), *Moleque Ricardo* (1935), *A Usina* (1936), *Pureza* (1937), *Pedra Bonita* (1938), *Água-Mãe* (1943), *Eurídice* (1947). O autor integrou o Movimento Regionalista do Nordeste que procurava a nova linguagem “brasileira”. Segundo as palavras de Bosi (1994, p. 398), José Lins é:

Descendente de senhores de engenho, o romancista soube fundir numa linguagem de forte e poética oralidade as recordações da infância e da adolescência com o registro intenso da vida nordestina colhida por dentro, através dos processos mentais de homens e mulheres que representam a gama étnica e social da região.

Ainda sobre José Lins e sua escrita que enfatizava o empasse entre o eu e a realidade, Bosi (1994, p. 399), aponta que: "à força de carrear para o romance o fluxo da memória, José Lins do Rego aprofundou a tensão eu/realidade, apenas latente nas suas primeiras experiências."

O escritor alagoano Graciliano Ramos (1892-1953) produziu diversas obras que tratam de problemas sociais do Nordeste brasileiro, em geral ou específicos de determinada região, como *Caetés* (1933), *São Bernardo* (1934), *Angústia* (1936), *Vidas secas* (1938), *Infância* (1945) e *Insônia* (1947).

De acordo com Bosi (1994, p. 400), Graciliano Ramos também foi um escritor que deu ênfase à tensão entre eu e sociedade, como se observa a seguir: "de Graciliano já se deixou entrever, páginas atrás, que representa, em termos de romance moderno brasileiro, o ponto mais alto de tensão entre o *eu* do escritor e a sociedade que o formou."

O romance *Vidas Secas* (1938) foi sua obra de maior destaque. Mostrando a crueldade que a seca causa para as personagens. O enredo se pauta na história de uma família de retirantes nordestinos, que, quando atingidos pela seca, são obrigados a sair pelo sertão em busca de melhores condições de vida.

Por fim, o escritor baiano Jorge Amado (1912-2001) fecha o período de escrita do romance regionalismo de 30. O autor escreveu diversas obras como: *País do Carnaval* (1932), *Cacau* (1933), *Suor* (1934), *Jubiabá* (1935), *Mar morto* (1936),

Capitães de areia (1937), *Terras do Sem fim* (1942), *São Jorge dos Ilhéus* (1944), *Seara vermelha* (1946).

Jorge Amado foi um dos principais representantes da ficção regionalista da segunda geração do Modernismo. Por ser baiano, expôs em suas obras uma análise realista dos cenários urbanos e rurais da Bahia. De acordo com Bosi (1994, p. 405-406), Jorge Amado tem caráter de um “romancista voltado para os marginais, os pescadores e os marinheiros de sua terra que lhe interessam enquanto exemplos de atitudes ‘vitais’: românticas e sensuais... A que, vez por outra, emprestaria matizes políticos.”

O escritor também foi responsável por escrever o romance *Seara vermelha* (1946), que encerra a prosa regionalista de 30 do país. A obra faz parte de sua fase de militância política e possui características ideológicas, retratando a luta dos nordestinos contra a fome e pela dignidade humana, mostrando uma família de retirantes nordestino que desejam chegar à São Paulo. O romance demonstra como nasce o fanatismo religioso e a violência no campo devido ao desamparo e a injustiça vivida pelos pobres, fazendo emergir a figura dos cangaceiros e do movimento messiânico.

2.1 Jorge Amado e o nascimento do romance proletário

O auge do romance de 30 deu-se entre os anos de 1933 e 1936, onde verifica-se que esse tipo de escrita singular explodiu entre os meses de julho e agosto de 1933 através da publicação de diversas obras com enfoque na literatura engajada, como *Cacau*, *Os Corumbas* e *Serafim Ponte Grande*. A partir das características e temáticas abordadas, verifica-se que a escrita literária proletária brasileira tinha como atributo naquele momento o enredo anti-burguês, representando as classes sociais que lutavam por mudanças, nas quais o proletário brasileiro retratado abarcava mendigos, vagabundos, camponeses e todos aqueles em situação de pobreza. De acordo com o posicionamento de Bueno (2006, p. 162), verifica-se que:

Além de dar destaque às massas, o que havia ficado sugerido antes, o romance só pode ser proletário se tiver ‘ar de revolta’, ou seja, se as massas nele enfocadas estiverem inclinadas a fazer revolução. Isso equivale a nada menos do que à necessidade de engajamento direto, inserido no próprio enredo. Assim, apenas retratar os dramas coletivos ainda não é fazer

romance proletário, é preciso dar um passo além e sugerir, pela ação da massa, a rebeldia imprescindível para construir a revolução.

Portanto, percebe-se que no romance proletário é fundamental trazer elementos como valorização da massa e a rebeldia por parte delas, descrevendo realmente a realidade vivida pelo proletariado. Abordando todos esses elementos, dentre outros também característicos do romance de formação proletária, traremos como foco neste trabalho a obra do escritor baiano Jorge Amado, destaque entre os principais escritores do romance de 30. Percebe-se que o modo de escrita do narrador de Jorge Amado levava em conta seu partido político, buscando sempre denunciar a realidade vivida pelas camadas mais pobres da sociedade, onde, de acordo com Márcia Cossetin e Ivete Brotto (2015, p. 90),

ao abordar a política e outros temas do cotidiano, Jorge Amado, sem dúvida revela modos de pensar, agir e sentir da população brasileira, tanto do segmento mais empobrecido, quanto dos que representavam a classe economicamente dominante.

O escritor baiano filiou-se ao Partido Comunista Brasileiro e foi eleito como deputado federal em 1946, buscando sempre redemocratizar o país após o fim da ditadura de Getúlio Vargas. Dessa forma, o pesquisador Benedito Veiga (2004)¹ aponta que:

A recepção crítica da literatura de Jorge Amado nunca foi aceita de forma incontestada, mormente em um país – como o Brasil – sujeito a reveses no funcionamento regular de um Estado de Direito. Os debates sobre a produção amadiana flutuavam, por vezes, levando em conta a opção do escritor pelo Partido Comunista, por construir um caminho de denúncias, recheado com uma linguagem propícia aos personagens e temas dos excluídos.

Tendo em vista que a filiação ideológica e o partido político de Jorge Amado era o Comunista, se opondo ao Estado Novo, o escritor passou a ser conhecido como opositor a Vargas e ao Fascismo. Nesse contexto de divergência entre o Comunismo e o Fascismo, os escritores da época passaram a se empenhar em expor suas posições. Jorge Amado foi um dos principais representantes desse modo de escrita na qual procurava trazer à tona uma reflexão do que estava acontecendo no país, com

¹ Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno11-06.html> Acesso em 28 set. 2020.

o objetivo de mudar aquela realidade. Segundo as palavras de Bueno (2006, p. 248), constata-se que:

A partir de sua opção política pelo Comunismo, ele vai investir todas as suas energias na criação de uma arte proletária. Pretende, portanto, falar do lugar de representante da massa de explorados, legitimado por seu engajamento na construção de uma futura revolução proletária. Sendo assim, não há muito o que questionar no papel do intelectual, que é apenas o de estar ao lado dos explorados, revelando aos leitores a dura realidade vivida por eles e mostrando a revolta como a única forma de obter, num futuro não muito certo, alguma modificação nesse quadro de mortificação constante.

A partir de suas falas e posicionamentos, Jorge Amado, sendo contrário ao Capitalismo e procurando uma espécie de libertação de tal sistema, enfatiza que o narrador deve estar ao lado do operário, defendendo-o e representando-o naquilo que o sistema oprime e evita que os trabalhadores se pronunciem. Logo, esse resultado traz a revolução como forma de manifestação para o proletariado, na qual, de acordo com Duarte (1996, p. 13): “a revolução socialista é a utopia que alimenta todo o ciclo amadiano do romance social por ele estudado.” Isto é, a luta pela liberdade era uma utopia a ser alcançada a cada escrita. Posicionando-se como revolucionário, Jorge Amado falava em nome do povo, não se preocupando com o que a burguesia iria pensar ou dizer.

Sobre a linguagem utilizada por Jorge Amado, Duarte (1996, p. 12) afirma que:

Não bastava trazer o povo, o proletário para o centro da ação romanesca; urgia fazê-lo falar da forma mais natural possível, numa linguagem tão ‘nova’ quanto ‘verdadeira’, em que a dureza da ‘língua errada do povo’ equivallesse, de modo isônimo e verossímil, à igual dureza das situações retratadas, para atingir, assim, a representação na narrativa.

Com o intuito de escrever diretamente para o povo, Jorge Amado opta por aplicar em seus escritos uma linguagem literária renovada que foi fundamental para diferenciar sua escrita daquelas empregadas em romances anteriores. Está veio com um papel revolucionário, com características da oralidade e do coloquialismo, em uma linguagem acessível. Dessa forma, a escrita do romance proletário traz a problemática social do povo e também funciona como entretenimento.

Outro elemento muito importante da escrita romanesca proletária será a presença do espírito proletário, pois o autor deverá não somente observar e escrever, mas deve mergulhar naquela realidade mostrando a vivência dos miseráveis a partir

de uma visão de dentro do problema, símbolo de uma literatura empenhada, o que se confirma nas palavras de Bueno (2006, p. 166):

O essencial é que o escritor não se restrinja à mera observação da realidade, ou seja, saia do jornalismo e entre na literatura. Para ele só é possível conseguir isso se houver algo mais que uma adesão superficial - que ele localiza em Pagu - à causa do proletariado, ou seja, é preciso uma entrega mesmo pessoal, uma integração naquilo que ele chama de 'espírito proletário'.

Jorge Amado possui um espírito proletário, e é isto que ele mostra em suas obras, como verifica-se no romance *Capitães da areia*, no qual o escritor baiano procura observar de perto o que acontece com os meninos conhecidos como “capitães da areia”. Ele apropria-se da literatura de forma engajada e lhe concede uma finalidade social e política.

As personagens de Jorge Amado se movimentam, principalmente, em um universo social, como verifica-se nas palavras de Bueno (2006, p. 281): "a revolução é a utopia de Jorge Amado e o universo social é aquele em que transitam suas criaturas." O escritor baiano traz em suas obras personagens do âmbito social em que ele demonstra a realidade vivida pelas classes mais pobres, escrevendo a favor dos oprimidos e marginalizados, trazendo à tona a forte empatia que tem pelos seus personagens com o intuito de torná-los heróis, coisa que anteriormente não se via na literatura romanesca brasileira. Acerca dos personagens característicos de Jorge Amado, Duarte (1996, p. 13) afirma que:

Eduardo mostra o quanto são diferentes os proletários amadianos: estes pensam, discutem, procuram entender o processo em que estão envolvidos e imaginar saídas. Vale dizer, Jorge Amado produz uma representação positiva do oprimido, que não apenas fala, mas cresce e afirma sua dignidade na resistência à opressão e na luta por sua superação.

Mostra-se a evolução daquele conhecido como oprimido, que até então não tinha lugar dentro da sociedade capitalista daquela época, mas que aos poucos adentra no universo literário social, sempre com o intuito de mudar a sua realidade e mostrar que também é igual a qualquer um.

Em *Capitães da areia* (1937), que será nosso objeto de estudo mais adiante, Jorge Amado traz um romance proletário que exhibe o ambiente político, ideológico, econômico, portanto, social daquela época. Na obra, o autor traz uma visão de dentro

do problema, mostrando cada detalhe, tendo em vista que ele escreveu observando de perto o que acontecia. Utilizando uma linguagem coloquial, com expressões advindas também na oralidade, como forma de mostrar a realidade, o narrador coloca em prática seu espírito literário, pois não apenas narra os acontecimentos, mas denuncia as mazelas sociais. O escritor busca retratar a história de um grupo de meninos que vivem nas ruas na cidade de Salvador/BA, moram em um trapiche abandonado que se torna um dos cenários principais. Esses meninos, que sobrevivem basicamente através de furtos, com o desenrolar de toda a trama, ao final, conseguem o título de heróis. Trajetória esta que será mostrada e analisada logo a seguir.

3 **CAPITÃES DA AREIA, OS MALANDROS VIRAM HERÓIS**

O romance *Capitães da areia* (1937), de Jorge Amado, é narrado em terceira pessoa, por meio de um narrador onisciente, sabendo, assim, de tudo o que ocorre, mostrando as atitudes tomadas por eles e até mesmo os pensamentos dos personagens, revelando com um olhar de dentro a realidade vivida pelos capitães da areia. Estes tratam-se de um grupo que é formado por mais de cem crianças que vivem na cidade de Salvador-BA e abrigam-se, na companhia dos ratos, em um casarão abandonado chamado de trapiche. Na perspectiva do narrador, evidencia-se que eram meninos:

de todas as cores e de idades as mais variadas, desde os nove aos dezesseis anos, que à noite se estendiam pelo assoalho e por debaixo da ponte e dormiam, indiferentes ao vento que circundava o casarão uivando, indiferentes à chuva que muitas vezes os lavava. (AMADO, 2009, p. 26)

Ou seja, constata-se nesta passagem que a pobreza não faz distinções, pois eram garotos que possuíam características diferentes, entretanto, eram todos pobres e viviam a margem da sociedade. O casarão que moravam servia de abrigo durante o dia e noite, tanto para se esconderem, como para dormirem.

O narrador faz comentários sobre os acontecimentos, sempre favorável aos capitães da areia, focalizando a luta dos que eram chamados de marginais, que viviam uma infância desamparada, contra a comunidade dominadora. Constata-se essas informações nas palavras de Duarte (1996, 115): "o conflito que move o romance é basicamente folhetinesco: pobres contra ricos, fracos contra fortes, pequenos marginais contra a sociedade opressora."

Dito isto, Jorge Amado procura sempre transformar uma possibilidade de mudança em realidade. Demonstrando sempre acreditar nos direitos humanos, centrando seu enredo na formação de heróis, o autor faz críticas e posiciona-se contra a política que opta pelo sistema capitalista, na qual, de acordo com Bueno (2006, p. 267), "pela primeira vez na obra de Jorge Amado, a ligação entre luta política e malandragem se dará de forma direta".

Os garotos da história sobrevivem basicamente a partir de furtos que cometem na cidade. Porém, ao longo da narrativa, algumas histórias de personagens principais

ganham destaque, e estes, simbolizando a luta da classe oprimida, tornam-se, ao final, heróis. A seguir, veremos um pouco sobre cada um destes personagens que lutaram, ao longo do romance proletário, para mudar seus destinos.

Pedro Bala foi intitulado como o líder do bando, este ficou órfão desde cedo, onde seu pai, que era líder operário, foi assassinado durante uma greve. Assim, ele, ainda jovem, tomou consciência da luta dos trabalhadores e adquiriu um senso de justiça muito forte. Na perspectiva do narrador, Pedro Bala, “[...] era muito mais ativo, sabia planejar os trabalhos, sabia tratar com os outros, trazia nos olhos e na voz a autoridade de chefe.” (AMADO, 2009, p. 27)

João José, conhecido entre os meninos como Professor, era o braço direito de Bala. Era o único que sabia ler mesmo tendo passado pouco tempo na escola. Este gostava de aprender coisas novas, e, com sua inteligência, planejava da melhor forma os roubos.

Gato achava-se bonito e por este motivo se chamou desta forma. Gostava da malandragem e com sua sexualidade aflorada, se envolvia com prostitutas.

Boa-Vida, diferentemente de Gato, usava a malandragem de forma diferente: fugia do trabalho, descansando na maior parte do tempo e levando uma vida tranquila.

Sem-Pernas é um personagem complexo e possui muitos conflitos internos. Este apelido faz referência a uma deficiência física que ele possuía, era coxo e, aproveitando da sensibilidade das pessoas, conquistava qualquer um.

Antônio, conhecido como Pirulito, era um menino religioso. Buscava uma vida melhor e seu sonho era servir a Deus e ser padre.

Volta-Seca tinha atitudes que faziam até os próprios capitães da areia sentirem medo. Representava, de certa forma, uma cultura sertaneja e admirava o cangaceiro Lampião.

João Grande era o mais forte e alto do bando. Mas, em contrapartida, era amável, dócil, e procurava proteger os mais frágeis do grupo.

Dora aparece um pouco depois no romance, esta era a única menina do grupo. Entrou no grupo com seu irmão, pois seus pais haviam morrido de varíola e, com o passar do tempo, exerce o papel de cuidadora dos capitães da areia.

Para entender melhor a formação social das crianças retratadas na obra, assim como compreender como se deu o percurso de formação dos marginais que se fizeram heróis, buscamos mostrar alguns fatores que vieram a influenciar neste processo. Fica inferido a partir do tecido narrativa que existe uma distinção entre o

tratamento dado às crianças ricas e as pobres. As crianças ricas recebiam uma educação escolar diferenciada, e já as pobres, eram instruídos somente para o trabalho profissionalizante e, como forma de punição para suas atitudes ruins, eram levados para os chamados reformatórios com o intuito de melhorar o modo como agiam. Como afirma Cossetin e Brotto (2015):

a polícia vinha para reprimir e segregar nos reformatórios; a mídia desempenhava o papel de cobrar das autoridades providência com relação à proteção das “pessoas de bem” em face das ações praticadas pelos Capitães da Areia, sem questionar a realidade social que as produzia. (COSSETIN; BROTTTO, 2015, p. 94)

A polícia prometia cortar o mal pela raiz em relação aos capitães da areia. Aqueles chamados de pessoas de bem seriam os ricos, que possuem capital. Como as atitudes dos personagens atingiam principalmente a classe social rica, sendo essa classe o principal sustento da igreja, esta não poderia ter nenhum contato com as crianças que viviam no trapiche. Vivendo em uma situação de abandono, os personagens não recebiam nenhum tipo de ajuda social e não eram reconhecidos como crianças. Apenas quem tinha contato com os meninos era o padre José Pedro, pois se importava com eles.

Verifica-se, nas palavras de Candido (2011, p. 171), que "os mesmos meios que permitem o progresso podem provocar a degradação da maioria". Dessa forma, o meio capitalista a qual os políticos defendiam acabava por prejudicar ainda mais os capitães da areia e deixar sua realidade ainda mais árdua. Porém, apesar das dificuldades vividas pelo protagonista Pedro Bala e seu bando, estes sempre buscavam se posicionar e entender o processo que estavam envolvidos.

Amado, sempre buscando a utopia do sistema comunista para ajudar aos mais pobres, procurava desmistificar a ideia de que o homem seria condenado pelas questões sociais. Mais tarde, com o passar dos dias, as crianças crescem e algumas passam a exercer um engajamento proletário. De acordo com Candido (2011, p. 191), "e aí a experiência mostra que o principal obstáculo pode ser a falta de oportunidade, não a incapacidade", ou seja, aquelas crianças não tinham oportunidade mudança, eram condenados pela situação que viviam e não recebiam ajuda. Eles possuíam seus dotes, seus pontos positivos, todavia a pobreza que viviam dificultava ainda mais

suas realidades e, assim, eram sujeitos de forma mais propícia a se envolverem com os roubos e furtos que praticavam com o intuito de sobreviverem.

Os meninos eram crianças, porém, tendo em vista as várias situações a que foram submetidos - a pobreza, a necessidade de lutar para sobreviver em uma cidade em que praticamente todos os abandonavam – passaram, então, a se comportarem como ladrões e a enganar as pessoas da classe social rica para, assim, conseguir o sustento. Os meninos tinham essas atitudes ruins, porém sonhavam com a mudança de vida, como afirma um dos personagens do romance de Amado (2009, p. 159) “Um dia a gente muda o destino dos pobres...”

Dora, após ser enviada ao orfanato, é resgatada por Pedro Bala. A mesma é acometida de varíola e morre. Caracterizada como a mãe do grupo, ela consegue o respeito de todas as crianças e é tratada como a única personagem heroína do grupo, aquela que cuidou de todos os capitães da areia. Logo após sua morte, cada um dos personagens começam a tomar seus rumos e a narrativa se encerra com a narração do desfecho dos principais membros do bando.

O professor João José decide, então, mudar o rumo de sua vida. Chateado com a realidade a qual viviam, diz: “Que adianta a vida da gente? Só pancada na polícia quando pegam a gente. Todo mundo diz que um dia pode mudar... Padre José Pedro, João de Adão, tu mesmo. Agora vou mudar a minha...” (AMADO, 1937, p. 222). Ele decide ir estudar com um pintor do Rio de Janeiro, dizendo que um dia mostraria em seus quadros como era a realidade dos capitães da areia e das crianças baianas. Como um artista engajado, o mesmo poderia se tornar, a partir do retrato das crianças, um herói que mostrará para a população o descaso vivido pelos capitães da areia, fazendo com que as pessoas sentissem ao menos certa compaixão pelas crianças.

Pirulito para de realizar furtos e decide ouvir o chamado de Deus. Dessa forma, irá interceder pelos meninos, assim como os ajudar, tornando-se um herói, da mesma forma que o padre José Pedro, que procurava sempre ajudar os capitães da areia. O personagem entra para uma ordem religiosa, onde se torna frade num convento, como vemos nesta passagem:

Deus o chama. E o chamado de Deus dentro de Pirulito é poderoso como a voz do vento, como a voz potente do mar. Pirulito quer viver para Deus, inteiramente para Deus, uma vida de recolhimento e de penitência, uma vida que o limpe dos pecados, que o torne digno da contemplação de Deus. (AMADO, 2009, p. 224)

Já o personagem Gato se torna cafetão e decide ir embora com Dalva para a cidade de Ilhéus, como verifica-se nesta passagem: “Mano, vou para Ilhéus. A patroa vai cavar a vida. Eu vou com ela. Sou capaz de enricar. Quando tiver fazendeiro a gente vai fazer uma farra daquelas.” (AMADO, 2009, p. 235)

Boa-Vida vai poucas vezes ao trapiche, é um malandro que, aos poucos, se desliga do lugar: “Boa-Vida se desligará aos poucos do trapiche, toca violão nas festas, vai aos candomblés, arma fuzuê nas quermesses.” (AMADO, 2009, p. 236)

Conforme as palavras do narrador, como um trapezista de circo, Sem Pernas acaba morrendo em uma fuga da polícia, onde não consegue fugir dos guardas e, para não ser pego, prefere se suicidar, atirando-se do Elevador Lacerda, conforme esta passagem: “A praça toda fica em suspenso por um momento. ‘Se jogou’, diz uma mulher, e desmaia. Sem-Pernas se rebenta na montanha como um trapezista de circo que não tivesse alcançado o outro trapézio.” (AMADO, 2009, p. 243). Infere-se então nesta passagem que a vida desses indivíduos está sempre em suspenso, sem nenhuma estabilidade. Sem-penas torna-se herói para as crianças que faziam parte dos capitães da areia, pois, para eles, era melhor morrer do que ser pego pela polícia, haja vista que muitos eram maltratados. Sendo assim, os personagens apegam-se à liberdade e lutam com todas as suas forças para não serem “escravos” do sistema.

Volta Seca sempre foi fanático pelo bando de Lampião, e logo consegue tornar-se um cangaceiro, realizando seu sonho. Ele transforma-se em herói das crianças sertanejas, tendo em vista que os cangaceiros eram vistos naquela época como corajosos e valentes, verdadeiros heróis que atendiam às necessidades de determinada parte da população. Vejamos esta passagem: “Volta Seca pensa que seu coração vai estalar de alegria. Encontrou seu padrinho, Virgulino Ferreira Lampião, herói das crianças sertanejas.” (AMADO, 2009, p. 240). Após matar várias pessoas e cometer diversos crimes, a polícia prende Volta Seca e ele é condenado.

Por fim, considerado como o principal personagem, Pedro Bala, fascinado pelo seu pai, que era sindicalista e morreu em uma greve, decide abandonar o grupo dos capitães da areia e seguir os passos paternos, se tornando um dos principais líderes grevistas da época, conforme verifica-se:

É uma coisa bonita a greve, é a mais bela das aventuras. Pedro Bala tem vontade de entrar na greve, de gritar com toda a força do seu peito, de apartear os discursos. Seu pai fazia discursos numa greve, uma bala o

derrubou. Ele tem sangue de grevista. Demais a vida da rua o ensinou a amar a liberdade. (AMADO, 2009, p. 251)

Com o desejo de mudança, procurando modificar a realidade social, superar a pobreza e a desigualdade, o mesmo abandona o trapiche para ser um militante proletário, lutando pelos ideais do povo. De acordo com as palavras de Duarte (1996, p. 114):

Capitães da areia, com efeito, “nasce” de *Jubiabá*, organiza-se enquanto retomada e ampliação do terceiro momento da trajetória de Balduino. Temos o mesmo modelo de herói em evolução da malandragem a militância, sendo Pedro Bala também órfão e chefe de um bando de moleques. Após, inúmeras peripécias, encontra, nas lutas sociais e trabalhistas, o caminho para desaguar de modo mais coerente a revolta contra o sistema que o marginaliza.

Pedro Bala não precisa trabalhar, o mesmo passa direto à militância. Caracterizado como herói sem nenhum caráter², passa um tempo afastado do trapiche. Lembrando dos momentos que passou preso no reformatório na cafuná apertada, ele inicia uma nova jornada na qual entende-se que “a imagem da prisão como espaço infernal contém a chave para compreender a passagem de Pedro Bala da rebeldia delinquente para a disposição revolucionária” (DUARTE, 1996, p. 116).

Esse personagem, com suas atitudes ao final da trama, torna-se um herói. Mesmo que seja um herói “diferente” dos heróis dos romances clássicos, onde, segundo Lira *et al* (2018, p. 146):

Uma desconstrução desse herói clássico é necessária devido à incongruência em adaptar um modelo do passado tradicional, exatamente igual, à realidade presente. Nesta adaptação há um deslocamento do modelo heroico, incluindo agora as características prosaicas do nosso cotidiano.

Pedro Bala supera seus limites pessoais e locais, transgride sua origem e busca um confronto social e político, auxiliando o povo de sua época na luta por direitos e por um sistema comunista que não beneficie somente a classe rica, conforme aponta Lira *et al* (2018, p. 142):

² Nos apropriamos da definição caracterizada por Mário de Andrade para intitular o também contraditório personagem herói Macunaíma, na obra homônima escrita pelo autor paulista.

O conceito de herói está intimamente ligado à sociedade que o criou, bem como à época de sua criação. Isso porque as qualidades inerentes a um determinado herói devem estar intimamente ligadas aos valores de sua época e às necessidades de um povo. Sendo assim, as características do herói atendem a necessidade de determinado povo e fazem com que no imaginário social a imagem do herói se perpetue.

Levando em conta as mudanças na vida do personagem Pedro Bala, que "antes, oculto num trapiche abandonado; agora, acolhido como herói de sua classe." (DUARTE, 1996, p. 119) entende-se que ele passou de malandro à herói de capa e espada, percebendo que poderia ser como seu pai, participar das greves e lutar por seus direitos.

Jorge Amado, ao publicar o romance proletário *Capitães da areia* (1937), retrata de forma legítima as desigualdades de classes sociais presentes naquela época, as quais marginalizam as crianças que faziam parte do grupo e entre outras. Porém, ainda hoje, este tema é muito atual em toda sociedade brasileira. Essas crianças passaram a serem chamadas de menores infratores e, apesar das leis que foram instituídas para garantir proteção à infância e à adolescência, muitas crianças e adolescentes ainda vivem marginalizadas e separadas da sociedade, principalmente por não terem uma oportunidade de mudança e nem apoio do Estado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através de uma metodologia sociológica e principalmente hermenêutica, fazendo a leitura, análise e interpretação do objeto de estudo escolhido, no romance de Jorge Amado, *Capitães da areia* (1937), confirma-se a ideia de que essa obra se caracteriza como um romance de formação proletária no qual se preocupa em denunciar as desigualdades e injustiças sociais, utilizando uma linguagem coloquial, popular e regionalista, em total acordo com a realidade vivida pelos capitães da areia. Assim, o autor buscou enfatizar a temática social, fazendo com que o proletariado passasse a alcançar visibilidade e o pobre fosse incluído como protagonista. Pode-se verificar a visão de injustiças existentes na sociedade mais desfavorecida nos ideais defendidos pelo personagem Pedro Bala, no qual o protagonista, de acordo com as palavras de Jorge Amado (1937, p. 94):

[...] sentiu uma onda dentro de si. Os pobres não tinham nada. O padre José Pedro dizia que os pobres um dia iriam para o reino dos céus, onde Deus seria igual para todos. Mas a razão jovem de Pedro Bala não achava justiça naquilo. No reino do céu seriam iguais. Mas já tinham sido desiguais na terra, a balança pendia sempre para um lado.

Os objetivos principal e específico que foram estipulados no início da pesquisa foram alcançados com sucesso. Demonstrou-se, a partir do aporte teórico e da análise empreendida, que Jorge Amado, em *Capitães da areia*, retrata um romance de formação proletária, bem como mostra a mudança de *status* social dos personagens principais e a sua reconfiguração em heróis mesmo em meio as dificuldades existentes, a exemplo da marginalização e, conseqüentemente, do desprezo para com eles por parte da sociedade mais abastada.

Discorreremos sobre o surgimento do romance de 30, como também abordamos suas características - que o tornou tão singular em meio a outros movimentos artísticos no país - e os principais autores que aderiram, naquele momento, a essa estética que crescia em meio à sociedade da época, abrangendo uma literatura engajada na qual possuía uma função social e de crucial importância, tendo como principal objetivo dar ênfase ao projeto ideológico de igualdade social. Descrevemos como o romance proletário de Jorge Amado, sempre com o intuito de contrariar e denunciar a literatura conservadora da época, era permeada por uma escrita literária proletária caracterizada como anti-burguesa, sempre demonstrando seu espírito

proletário. Por fim, foi analisado o processo de formação dos meninos capitães da areia, que viviam desamparados pela sociedade, em heróis, até mesmo aqueles caracterizados como anti-heróis.

A partir da formação proletária do romance, tendo em vista as situações em que as crianças foram submetidas, a narrativa expõe, de forma contundente, a realidade vivida durante a infância sofrida dos meninos do trapiche, como bem afirma o narrador:

Eles furtavam, brigavam nas ruas, xingavam nomes, derrubavam negrinhas no areal, por vezes feriam com navalhas ou punhal homens e polícias. Mas, no entanto, eram bons, uns eram amigos do outros. Se faziam tudo aquilo é que não tinham casa, nem pai, nem mãe, a vida deles era uma vida sem ter comida certa e dormindo num casarão quase sem teto. Se não fizessem tudo aquilo morreriam de fome, porque eram raras as casas que davam de comer a um, de vestir a outro. E nem toda cidade poderia dar a todos. (AMADO, 1937, p. 106).

Dessa forma, os personagens, ainda jovens, procuram mudar suas vidas. Pensam e buscam uma forma de mudança e assim definem o que irão fazer, seus destinos e profissões. Alguns seguem a vida como antes, tendo as mesmas atitudes e repetindo as mesmas maneiras de ser; outros decidem se comportar, agora, como heróis, e mesmo não sendo o herói mais esperado pela sociedade daquela época (o herói clássico), estes constituem uma imagem do anti-herói, lutando pelos ideais da população mais pobre, como vemos no personagem Pedro Bala, que, seguindo a mesma profissão de seu pai, agora luta pelo povo, como grevista conhecido da cidade, atestado na seguinte passagem do narrador jorgeano (1937, p. 259): “Dentro de Pedro Bala uma voz o chama: voz que traz para a canção da Bahia, a canção da liberdade. Voz poderosa que o chama. Voz de toda a cidade pobre da Bahia, voz da liberdade. A revolução chama Pedro Bala.”

Portanto, a obra *Capitães da areia* é muito importante para compreender como eram tratados os marginalizados daquela época, principalmente na Bahia. O autor Jorge Amado retratou cada detalhe procurando mostrar o que acontecia nas ruas, becos, vielas e ladeiras da cidade, analisando como a sociedade e o sistema não se reconheciam como injustos, tema este ainda muito vivo no âmago da sociedade brasileira. O escritor baiano, pois, escreve a obra munido pelo desejo, mesmo que utópico, de mudar o mundo e torná-lo mais justo.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Capitães da areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 40. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

BUENO, Luís. **Uma história do romance de 30**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

COSSETIN, Márcia e BROTTTO, Ivete Janice de Oliveira. Um cotejamento da obra literária *Capitães da Areia*: uma história sobre pobreza, miséria e meninos de rua. **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, São Paulo, v. 33, n. 65, 2015, p. 87-98.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Jorge Amado**: romance em tempo de utopia. Rio de Janeiro: Record, 1996.

VEIGA, Benedito. **Capitães da Areia**: A recepção crítica, 2004. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viiiicnlf/anais/caderno11-06.html>. Acesso em 28 set. 2020.

LIRA, Monike Rabelo da Silva. *et al.* **Metodologia da pesquisa em estudos literários**. Manaus: EDUA, 2018.